

Mão de obra

Mudar de vida

Em Alvados mora o oleiro que os turistas procuram

Cláudio Garcia

claudio.garcia@jomaldeleiria.pt

■ O ofício de José Siphioni vem com estilo de vida associado: em Alvados, ao ritmo da Natureza, embalado pelo silêncio e com a paisagem do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros a cercar todos os olhares. Escolheu, literalmente, os dias que vive: de programador de máquinas desempregado na crise da indústria têxtil a ceramista no activo com autonomia e mercado. Tinha 25 anos e o objetivo de estabelecer-se por conta própria. Nove anos volvidos, o ateliê residência na aldeia de Porto de Mós é o centro de uma actividade intensa, que se desmultiplica na produção de artesanato com destino ao retalho em vários pontos do país, acções de formação e projectos por encomendas (desde medalhas a tigelas de sopa para festivais).

Tal como nas lojas de *souvenirs*, também nos *workshops* há uma fatia relevante de clientes que são turistas e estrangeiros, muitos deles hóspedes das unidades *Cooking And Nature* e *Casa dos Matos*, localizadas na mesma freguesia. Outros são *chefs* de cozinha, e respectivas equipas, à procura de louça exclusiva. Aprendem a trabalhar com roda de oleiro, forno de papel ou *raku*, esta última uma técnica inspirada em mais de mil anos de conhecimento no Japão. À moda europeia, consiste em colocar num recipiente com folhas secas, tapado, as peças previamente vidradas e aquecidas a mil graus, o que provoca efeitos únicos pela acção da chama, do fumo e da falta de oxigénio. Também no forno de papel são recuperados métodos ancestrais, que remontam à época em que a cozedura ocorria debaixo de terra, numa espécie de túnel de vento. José Siphioni diz que esta é autenticamente “a alma da cerâmica”: jogar com a matéria-prima e os elementos para obter resultados distintos.

Logo no exterior da oficina que partilha com a mulher, também artesã, na casa onde vivem com os dois filhos, em Alvados, destaca-se uma cuba que José Siphioni transformou num forno de cozer a alta temperatura. Já o forno eléctrico está instalado debaixo de telha. De todo todo o tipo de pastas cerâmicas, do barro à porcelana, saem todo o género de objectos: bonecos que evocam Fernando Pessoa, Bocage, Florbela Espanca, Camões, José Saramago ou Eça de Queiroz, lavatórios para hotéis, pratos, imagens de Santo António. José Siphioni começou por trabalhar ao vivo, à porta das grutas de Mira de Aire, hábito que prossegue no festival de *jazz* de Minde, ali a 10 quilómetros. Bem visível numa parede está o mural que executou precisamente no *JazzMinde* de há dois anos: “Eu a descobrir o melhor trabalho de José Cid e José Cid a descobrir a sua pior intervenção de sempre”, explica.

É uma sátira ao preconceito e à indignação fácil, que tem por base o álbum *10 Mil Anos Depois Entre Vénus e Marte* e a polémica entrevista em que José Cid se refere a Trás-os-Montes em termos depreciativos. No mural de José Siphioni o compositor surge a tocar piano, por cima da capa do disco, e, claro, há bocas desdentadas, porque “a indignação” é “mastigável”, sobretudo quando explode nas redes sociais. No fim do dia, é tudo uma questão de “constante aprendizagem”. Tal como a cerâmica.

Natural de Mira de Aire, José Siphioni, 34 anos, é filho de pai português e mãe brasileira com ascendência italiana. Vive e trabalha em Alvados, no concelho de Porto de Mós, numa casa ateliê que partilha com a mulher, também ceramista. Realizou as primeiras exposições em Alvados e em Leiria - e a região continua a influenciar o trabalho que desenvolve a partir de diversas técnicas e pastas cerâmicas. Autor de coleções que se baseiam na história de Portugal, com escritores, músicos, reis e outros símbolos da lusitandade, José Siphioni desdobra-se paralelamente em workshops, demonstrações e projectos por encomenda

